

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANÁLISE COMUNICACIONAL DOS TEXTOS DE JOÃO PAULO
BARRETO, DIVULGADOS NO SITE AMAZÔNIA REAL

Bolsista Voluntária: Ariana Silvia Souza de Oliveira

PARINTINS
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB- SA/0039/2014
ANÁLISE COMUNICACIONAL DOS TEXTOS DE JOÃO PAULO
BARRETO, DIVULGADOS NO SITE AMAZÔNIA REAL

Bolsista Voluntária: Ariana Silvia Souza de Oliveira
Orientador: Profº Dr. Renan Albuquerque Rodrigues

PARINTINS
2015

Os direitos deste relatório são reservados ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (Nepam/CNPq), sediado na Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Informações aqui contidas poderão ser reproduzidas para fins acadêmicos, científicos e também no contexto da disseminação da ciência em geral.

Esta pesquisa é realizada através do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas (PIBIC/Ufam), sendo desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (Nepam/CNPq) e se caracteriza como projeto de pesquisa na modalidade bolsista voluntário.

Resumo

Pretendeu-se investigar, por meio de análise comunicacional, textos de João Paulo Barreto, índio Tukano, publicados no site Amazônia Real, entre 2013 e 2014, tendo em vista caracterizar em que medida ele projeta construção da pessoa indígena em sua etnia. A partir do suposto, a meta foi contribuir para compreensões acerca do modo como a pessoa indígena da etnia Tukano vem sendo retratada no contexto atual social amazônico. O aporte teórico foi a Teoria da Folkcomunicação, que tem como objetivo inferir sobre formas de expressão de camadas marginalizadas. Foram investigados 3 textos do autor, os quais enfocam ordenamentos e tentativas de descrição de modos de vida Tukano. Essa descrição institui-se como modalidade comunicacional que confere sentidos manifestos e latentes ao real. Foi referência para o plano de avaliação a análise de conteúdo manual. A técnica objetiva aproveitar dados brutos contidos em uma comunicação, identificando padrões via categorias conceituais ou classes contextuais.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Conhecimento Tukano; Pessoa indígena.

Abstract

It was intended to investigate by means of communication analysis, João Paulo Barreto texts, Tukano Indian, published on Amazon US site between 2013 and 2014 in order to characterize to what extent he projects construction of the indigenous people in their ethnicity. From the course, the goal was to contribute to understandings about how the indigenous people of the Tukano ethnic group has been portrayed in the Amazonian social current context. The theoretical contribution was the theory of folk communication, which aims to infer forms of expression of marginalized layers. 3 were investigated author of the texts, which focus on orders and attempts description Tukano lifestyles. This description is established as communication mode that gives manifest and latent meanings to real. Was reference to the evaluation plan the manual content analysis. The objective technique take raw data contained in a communication, identifying patterns via contextual conceptual categories or classes.

Keywords: Folkcommunication; Tukano knowledge; Indigenous person.

1. Introdução

Ao se comunicarem, pessoas tendem a construir universos relacionais. Melo (*apud* FREIRE, 1998, p. 259) pondera que “ao se relacionar com o mundo, o homem nele se integra com capacidade de ajustar-se à realidade”. Nesse diálogo interativo, saberes e fazeres são trocados (BELTRÃO, 1980).

Essa relação de troca implica especificidades que podem variar de acordo com espaço, tempo e socioculturas de cada agrupamento ou povo. Porém na sociedade contemporânea, há uma presença massificadora de discursos ideológicos ou não, que tendem ser disseminados como culturas dominantes e que são cada vez mais propagados por diversos veículos de comunicação.

Por fim, eles acabam excluindo outras culturas e formas de conhecimentos que poderiam contribuir com um diálogo capaz de gerar uma comunicação com efeitos positivos na sociedade.

Para Beltrão (1980, p. 2-3)

A comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea, que é composta por uma imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferenças de origens étnicas e pela própria distância social e espacial.

Diante disso, talvez se justifique o atual sistema de comunicação social existente. Nele as formas de expressões, costumes e crenças das camadas menos favorecidas acabam entendidos como inferiores.

Ainda assim, algumas pessoas conseguem dinamizar e ajustar seus grupos menos providos de recursos e não relacionados com outras culturas a uma realidade que pode mudar a relação das pessoas com o mundo, “embora adotando roupagem nova, que lhe confira voz e voto no concerto universal” (BELTRÃO, p. 9).

Dentro do contexto amazônico, universos relacionais são mediados em ampla medida por implicações. Inúmeras etnias, com línguas diferentes e naturalmente com socioculturas assimétricas, dialogam no bioma por meio de sistemas diplomáticos ou conflituosos. As sistemáticas que desde sempre compuseram o conjunto dos complexos modos de vida dos nativos amazônidas (CARNEIRO DA CUNHA, 1992).

A construção da pessoa étnica, portanto, dá-se em função de composições multifacetadas, firmadas por variações referentes ao que se sabe e do que se faz para a

manutenção individual e coletiva. Nessas variações, a comunicação consigo, com os pares e mesmo com o inimigo interliga estratégias de guerra e de paz (VILAÇA, 2000).

Tomando o suposto e considerando a comunicação como fator *sine qua non* para a construção de arcabouços psíquicos singulares e coletivos de populações étnicas amazônicas, o projeto teve por finalidade analisar textos do indígena João Paulo Barreto Tukano, publicados por meio do site Amazônia Real (www.amazoniareal.com.br). Os textos produzidos pelo autor são do gênero discursivo e tendem a ser classificados na categoria de textos opinativos.

João Paulo é indígena da etnia Tukano, nasceu no município de São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, ao noroeste da capital Manaus, na aldeia São Domingos, Estado do Amazonas. É graduado em filosofia e mestre em Antropologia, pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

O site Amazônia Real (www.amazoniareal.com.br) possui como linha editorial questões relacionadas ao contexto amazônico, e divulga diversas informações através de reportagens e artigos de opinião, produzidos por jornalistas especialistas e experientes em diversas áreas do contexto amazônico.

João Paulo Barreto desempenha o papel de colunista no www.amazoniareal.com.br. Em sua coluna, o autor discorre sobre a realidade indígena de seu povo (Tukano), em defesa da democracia e liberdade de expressão das culturas.

O projeto de pesquisa pretendeu analisar em que medida João Paulo Barreto – enquanto autor de discursos em defesa do conhecimento do povo Tukano e membro da mesma etnia – tende a construir a pessoa indígena amazônica ante a realidade por ele vivida, buscando implicações acerca do compartilhamento de informações e da interação com web leitores.

Teve-se como perspectiva descrever a importância da comunicação na compreensão dos saberes e fazeres do povo Tukano.

1.1 Contexto do estudo

É por meio da comunicação que se compartilham emoções, sentimentos, opiniões etc. Beltrão (1980, p. 3) conceitua comunicação como o “processo mímico, oral, gráfico, tátil e plástico, pelo qual os seres humanos intercambiam ideias, informações e sentimentos, através de signos simbólicos”.

Vale ressaltar que para este estudo, nos torna mais viável a compreensão de “signos simbólicos”, como tudo aquilo que é construído em nosso relacionamento com o outro em sociedade. Portanto, atribuir significados nas coisas, é atribuir valores, e o lugar de cada coisa é definido pelas sociedades (JUNQUEIRA, 2008.)

O contexto almejado da pesquisa salientar buscou implicações referentes a mecanismos e recursos utilizados pelo colunista no tocante a inferir pontos de vistas que interliguem sentidos na relação de dois mundos, o indígena e o não indígena. Ponderou-se sobre a capacidade de João Paulo Barreto Tukano de ajustar-se a duas realidades com pontos de vista distintos.

Nos escritos de João Paulo Barreto, o viés é voltado para a inserção de discursos em defesa da sociocultura tradicional do povo Tukano. Descrição de lugar, termos específicos de linguagens daquele povo, costumes, vida espiritual e cosmologia são relacionadas enquanto modos de vida.

A comunicação do colunista é realizada a partir de problemas históricos de sua etnia. Ele tende a assumir a descrição da pessoa indígena em função de mecanismos utilizados na interação com o público, uma vez que, no papel de colunista, expressa opiniões em meio a várias questões existentes ao redor social.

É importante registrar que se encaixam na definição de indígenas pessoas de origens pré-colombianas e identificadas a partir do uso de conjuntos de símbolos formadores de sua sociocultura (JUNQUEIRA, 2008).

A pesquisa considerou, portanto, o fato de João Paulo Barreto Tukano ser comunicador, produtor de textos opinativos, construtor de discursos relacionados a temas polêmicos e que são disseminados por ele como intérprete de conhecimentos e da sociocultura Tukano.

1.2 Objeto de discussão

Em torno da pesquisa, a questão discutida se deu partindo do fato de o colunista João Paulo Barreto, enquanto um comunicador e intérprete dos conjuntos simbólicos atribuído de valores e significado étnico Tukano, pretender trabalhar mecanismos e recursos no sentido de possibilitar diálogos que vão ao encontro de outras comunidades identitárias brasileiras, favorecendo, com isso, à democratização dos conhecimentos.

Tendo em vista os apontamentos de Junqueira (2008), quando é citado o intercâmbio de culturas para o crescimento do país, pondera-se o respeito pelos povos indígenas. Procurou-se ainda estudar em que medida João Paulo tem conseguido

interagir com seus web leitores no compartilhamento dessas informações, quais as formas de interação e os recursos que ele se utiliza para comunicar os saberes e fazeres do povo Tukano.

Buscou-se abarcar as questões para responder a indagações não resolvidas sobre como o colunista consegue construir mecanismos comunicacionais para intercambiar mensagens que empregam ideias, experiências e comportamentos produzidos e atribuídos de valores do povo Tukano. Buscou-se ainda, na medida do desenvolvimento do estudo e da discussão das questões apontadas aqui, apontar a importância da comunicação na compreensão do conhecimento indígena Tukano.

A perspectiva da análise comunicacional dos textos produzidos por João Paulo Barreto foi mostrar a comunicação como fator importante na compreensão de saberes e fazeres dos indígenas Tukano. E para isso tornou-se fundamental analisar a construção da pessoa indígena realizada pelo colunista em seus escritos publicados na web.

1.3 Sobre João Paulo Barreto Tukano

João Paulo Barreto se autodenomina como um indígena Tukano, portanto é um indivíduo pertencente a um grupo étnico no qual suas características socioculturais o distinguem da sociedade nacional. Isto, ao menos, é o que dispõe o artigo 31 da lei nº 6.001 do ano de 1973, que rege o Estatuto do Índio (JUNQUEIRA, 2008).

Todavia, haja vista que o padrão de comportamento de cada sociedade é estabelecido pelo conjunto de símbolos atribuídos de acordo com lugar e comunalidade em que vivem, tais símbolos tendem a ser construídos em nosso relacionamento com o outro e com o entorno, ou seja, dentro do convívio social e territorial. Logo, pretende-se intuir que a cultura pode estar diretamente ligada a estes valores.

No caso do antropólogo e colunista João Paulo Barreto, a relação com o outro, mediada pela internet, naturalmente acontece a partir de lugares distintos de fala e posição social. A internet, enquanto meio de comunicação, propicia diversas atribuições a cada pessoa que interage na rede. Dentre essas atribuições, situam-se aquelas inerentes à peculiaridade individuais e coletivas de cada pessoa que se comunica por meio da rede mundial.

Uma das questões discutidas nos textos do colunista João Paulo Barreto Tukano foi de como o antropólogo narra suas experiências de mundo e vida a partir de uma linguagem sincrética. Essa linguagem se mostra importante sobretudo porque “quando alguém entra em contato com costumes diferentes, que não consegue compreender, sua

primeira reação é (...) tomar por base a própria cultura, numa tentativa de organizar a informação a partir daquilo que conhece” (JUNQUEIRA, 2008, p. 56-57).

Dai surgem as perguntas: em que medida realmente ele consegue fazer a construção da pessoa indígena sem entrar em conflito e tirar conclusões preconceituosas e equivocadas? Não há como explicar a questão indagada sem buscar reportar-se para o contexto sociocultural do colonista.

João Paulo Barreto de Lima (ou João Paulo Barreto Tukano) é indígena. Após terminar a quarta série do antigo primário mudou-se para o distrito de Pará-Cachoeira, no município de São Gabriel da Cachoeira, ao norte da capital Manaus, Estado do Amazonas, onde estudou em colégio salesiano, no regime de internato.

Após oito anos como aluno do Ensino Fundamental, João Paulo mudou-se para a capital Manaus, onde estudou como bolsista de tempo integral na escola de uma empresa, na qual o indígena concluiu o Ensino Médio de nível técnico em mineração. Como técnico de mineração, voltou para sua comunidade e recebeu o convite para ministrar aulas no colégio missionário onde ele havia estudado o Ensino Fundamental.

Depois de uma temporada como professor no colégio missionário salesiano, João Paulo Barreto voltou a morar em Manaus como seminarista salesiano. No seminário, ele teve a oportunidade de cursar Filosofia. Após seis anos, ele desistiu de ser seminarista e abandonou o curso.

João Paulo foi trabalhar como professor da rede municipal em Manaus e prestou vestibular. Foi aprovado e estudou Filosofia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mais tarde, ingressou no curso de Direito da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

As experiências o fizeram ter desencontros marcantes no confronto com o conhecimento científico e o conhecimento indígena, segundo descreve: “Diante da dupla vida acadêmica, minhas crises intelectuais aumentaram, sobretudo acerca da validade dos conhecimentos indígenas no contexto onde a objetividade é o motor da produção de conhecimentos” (LIMA, 2013, p. 21).

Mais tarde, por meio das políticas de vagas reservadas a candidatos indígenas para o Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFAM), em Manaus, João Paulo Barreto acabou ingressando no Mestrado e passou a questionar o que denominava de teorias imperantes, as quais tratavam de aspectos epistemológicos da área de antropológica.

Durante o curso, João Paulo Barreto desenvolveu interesse por modelos de construção de conhecimento abordados pelas teorias antropológicas e, naquele momento, notou a oportunidade de desenvolver pesquisa a partir das teorias Tukano. Tratava-se de uma visão partindo-se de sua cosmologia: era quase o mesmo do que os antropólogos faziam com os indígenas. No caso de João Paulo Barreto, a diferença seria significativa, pois para ele, como indígena, seria prazeroso estudar o homem branco, ao contrário das pesquisas antropológicas de costume.

Tendo como base essa proposta, os textos de João Paulo Barreto, por serem opinativos, passaram a conter comparações tomadas pela maneira pessoal dele enxergar a cultura indígena Tukano, notando a abertura de espaços referentes a outros comportamentos e modos de vidas existentes no contexto universal.

Será que nos textos publicados na web, o colunista conseguiu lançar mão do conhecimento do outro e do mundo para construir um diálogo aberto sem impor um conhecimento imperante? Ou ainda, o fato do contato do colunista com outra realidade pode alterar o modo de ver a pessoa indígena? Ou apenas serviu como recurso para a adoção de uma nova roupagem de inserção da cultura indígena Tukano no conjunto dos demais conhecimentos?

A construção da pessoa indígena, feita pelo colunista João Paulo Barreto tende a angular-se para mostrar a realidade da sociedade não urbana e dar voz à sobrevivência do grupo indígena Tukano – sem romper diretamente com outras socioculturas existentes? É nesse sentido que se debruça a pesquisa.

2. Enfoque teórico

O referencial teórico metodológico tem a concepção da folkcomunicação como base e conjunto de formas de expressão das camadas marginalizadas por meio do qual tenderemos a identificar o agente folk como um líder de opinião. Nesse sistema de comunicação o agente comunicador folk é quem desenvolve modalidades e mecanismos que permitem conhecimento sobre o pensamento popular ou étnico e principalmente as tentativas de integração entre grupos distanciados (BELTRÃO,1980).

Os primeiros estudos da temática se deram em 1967 e serviram de alicerce para a teoria. Os textos propunham detalhar a linguagem popular e responder a questões de como se informavam as populações rudes do interior de nosso país. Portanto, foi por este direcionamento que a pesquisa pretendeu fazer reflexões sobre a sistemática de

comunicação utilizada por João Paulo Barreto no contexto da formação da pessoa Tukano.

Metodologia

O eixo desse estudo se dá no enfoque crítico dialético, já que, o problema da pesquisa envolve uma relação não só com os elementos históricos e políticos quanto com os elementos sociais existentes no contexto a serem analisados. Quanto à técnica, será útil para esse trabalho o uso do raciocínio indutivo, que por meio das observações empíricas chegaremos a uma conclusão, tendo em vista afirmar ou negar hipóteses formuladas como possíveis respostas atribuídas inicialmente no desenvolvimento do projeto.

A pesquisa designou-se qualitativa em termos da busca pela compreensão aprofundada a respeito do contexto em que está situado o sujeito do discurso, possíveis de se apresentarem nos artigos de opinião, pois apesar de se tratar de uma pesquisa do tipo análise de conteúdo, a questão discursiva é necessária uma vez que, estamos analisando textos opinativos e nesse aspecto se torna fundamental a desconstrução do texto em discursos, ou seja, em vozes. A técnica consiste em demonstrar para saber como foi montado. Isso consiste em nos ajudar a mensurarmos em que medida o autor construiu a pessoa indígena.

3.1 Amostragem

Três artigos de opinião publicados na sessão de colunistas do site Amazônia Real, no espaço de João Paulo Barreto (<http://amazoniareal.com.br/>), foram referências para o plano de avaliação a análise de conteúdo manual. A técnica objetivou aproveitar dados brutos contidos em uma comunicação, identificando padrões via categorias conceituais ou classes contextuais, com contagem de unidades de contexto elementar, (UCEs) (SÁ, 1998).

Uma UCE é definida segundo tamanho do texto, número de palavras e sentido da oração. A estimativa é avaliar no mínimo 7 textos representativos de sua coluna mensal no referido site.

3.2 Procedimentos de coleta

A análise do corpus de João Paulo Barreto está sendo realizada a partir da separação das unidades temáticas (Unidade de contexto Elementar – UCEs). Cada

sentença será avaliada por quadros léxico-semânticos interpretativos (BARDIN, 2002). Tenderão a ser usadas técnicas de interpretação e inferências para depoimentos acerca de fazeres comuns, lugares e saberes. Todo ato de narrar é uma tentativa de reportar o fato tal como aconteceu, por meio de formas únicas de contar o acontecimento, com detalhes e experiências vividas que no decorrer do relato são veementemente defendidas (BARDIN, 2002; DALMONTE, 2009).

Para isso fizemos um acompanhamento constante por meio de consultas ao portal do site Amazônia Real na web. Levamos em consideração a formação acadêmica do colunista João Paulo Barreto e leituras de conteúdos bibliográficos relacionados ao contexto indígena para o entendimento mais aprofundado sobre a representação e caracterização feitas pelo colunista.

3.3 Procedimentos de análise

Em um primeiro momento da pesquisa, fizemos a leitura de todos os textos de João Paulo Barreto, divulgados no site Amazônia Real, desde a construção do projeto, na busca da compreensão de como ele próprio se construiu enquanto pessoa indígena e como ele caracteriza seu povo.

Na segunda etapa, observamos como João Paulo Barreto apresenta a relação de conhecimento entre dois povos: o Tukano e o não indígena.

Na terceira etapa, identificaremos como o autor indígena realiza a interação entre duas realidades distintas e por que elas precisam ser compartilhadas: a sua e a dos ocidentais urbanos brasileiros em geral.

Na última etapa, pretendemos abordar a comunicação social e a comunicação marginalizada, que enfim, irá nos conduzir na compreensão de seus aspectos e demonstrar a sua importância para a releitura do mundo em que vivemos.

4. Resultados e Discussão

4.1 Comunicação: da prática a origem dos termos no dicionário

A ação realizada pelo colunista João Paulo Barreto tende a caracterizar-se como prática comunicativa interrelacional, uma vez que técnicas e recursos utilizados por ele são provenientes da relação com o ato de comunicar com outras pessoas. Para se entender melhor esse processo, é louvável que se aborde a origem do termo e da prática desse ato.

A comunicação efetivada pelo colunista em análise não possui significado apenas no contexto da objetiva troca de ideias e informações, diálogos e intercâmbio de mensagens. Apontamentos feitos por ele são carregados de significados manifestos e latentes. Portanto, torna-se fundamental almejar inferências acerca de significado intrínsecos nos textos do Tukano.

A comunicação de João Paulo Barreto não pretende focar relações sociais que naturalmente pessoas familiarizadas ou não entre si desenvolvem, mas abordar certa prática estabelecida de “falar para o outro”, cuja propriedade essencial é dada pelo plano de fundo do isolamento.

A comunicação enfatizada pelo indígena tem propriedades que a remetem ao âmago simbólico das coisas e seres, dado que exprime ação não apenas funcional, mas estruturante, da narrativa interrelacional. Ele designa a construção da pessoa de sua etnia, a etnia Tukano, por meio de uma práxis social intencional exercida sobre outrem, sem retirar a liberdade imaginativa de outrem.

João Paulo Barreto, ao que se supôs a partir da análise, relaciona-se com o outro não apenas comunicando seus escritos. Existe uma formação estruturante e simbólica no que segue. Outra inferência que se projeta acerca da textualidade manifesta e latente do Tukano é o fato dela formar-se mediante códigos e perspectivas particularizadas por cosmologias de sua etnia.

Note-se exemplo dessa relação em um dos textos que serão analisados adiante neste trabalho. É uma artigo de opinião do colunista e foi publicado dia 23 de dezembro de 2013 por meio do site Amazônia Real.

Como se tornar um especialista do conhecimento Tukano

Na sociedade do povo Tukano o *bahesse*, vulgarmente conhecido como *benzimentos*, é uma prática muito especial, adquirida por algumas poucas pessoas e exigindo conhecimentos específicos, habilidades e investimentos sistemáticos e duradouros, durante toda a vida. Os que dominam tais conhecimentos são *yai*, *kumu* ou *baya*, pessoas especializadas na comunicação com os diferentes tipos de sujeitos e que atuam de modo complementar no tratamento das doenças.

Os três possuem a mesma base geral de conhecimentos, diferenciando-se apenas em suas especializações, mesmo assim, eles atuam de modo complementar em suas ações de cura: o *yai* tem a capacidade de diagnosticar doenças, seja por meio do olhar perscrutador, do tipo Raios-X, ou aspergindo água, a partir de folhas imersas, diretamente sobre o paciente. O *kumu* dedica-se aos cuidados com o paciente que foi diagnosticado pelo *yai*, por meio do uso exclusivo do *bahsesse* e da prescrição de plantas medicinais para o tratamento. O *baya*, além de realizar o *bahsesse*, é um mestre condutor de grandes cerimônias, tocando, cantando e dinamizando os rituais.

Para alcançar uma das especialidades Tukano (yai, kumu ou baya), antigamente a pessoa passava por cuidados rígidos, que começavam desde a concepção e se prolongavam na adolescência até a vida adulta.

Ao nascer, uma criança era submetida às ações do kumu de seu grupo patrilinear, que lhe concedia um nome capaz de conferir a essa criança proteção. Isto é chamado de heri-porã (nome da pessoa). Durante toda a fase de crescimento, a criança era mantida sob dieta alimentar, submetida a sessões de limpeza estomacal (vômitos diários, induzidos por bebidas especiais), banhos matinais, ingestão de sumo de pimenta pelo nariz, etc.

Cada momento do desenvolvimento da criança, seja físico, psíquico, intelectual, moral ou social, era acompanhado, com especial atenção, por um especialista. A inserção na vida adulta era, inicialmente, marcada pela reafirmação do heri-porã, isto é, a recolocação do nome da pessoa na estrutura sociocosmológica, permitindo-lhe, a partir daí, sua participação na festa com o instrumento jurupari e a ingestão de kahpi, uma bebida especial feita a base de cipó consumida durante a festa de dabucuri para conectar no domínio de wai-mahsã para adquirir os bahsesse.

Depois de passado por essa inserção, o jovem encontrava-se, então, apto à formação numa das três especialidades. Para tanto, ele era submetido a uma sessão de ingestão de wai-ka kahpi (uma espécie de kahpi), um tipo especial para esta finalidade.

Se nesse momento, sob efeito da bebida, o jovem fosse tomado por uma visão em que lhe aparecesse o ahkopa; um recipiente com água; a cuia vahtoro; quatro folhas indicando as janelas do universo shope que correspondem às direções norte-sul-leste-oeste, isso era um indicativo que a habilidade desse jovem era para ser um yai. Se encontrasse o patú-vahro (cuia com ipadu), o murorõ (cigarro) e o breu, o aprendiz seria um futuro kumu. Por fim, se sua visão revelasse o mahãpoari, diadema ritual, o maracá nhassã e o haunpu, bastão de ritmo, seu talento seria revelado para o papel de baya.

Acontecia, porém, de o jovem iniciante não encontrar com nenhum desses símbolos em suas visões, o que o dispensava dessas habilidades e conseqüentemente, de toda a longa trajetória de ensinamentos posteriores. A partir daí, começava a formação específica de yai, kumu ou baya que durava um ano, marcada por instruções, provações e práticas especiais sob o monitoramento de um yai especializado nessa função. Os últimos três meses do ano eram os mais decisivos, e por isso, era o período em que os aprendizes ficavam em isolamento completo, e com dieta redobrada.

Durante esse tempo o aprendiz era instruído e aprendia a prática do bahsesse, as formas de acesso às casas históricas (sagradas), o sistema de comunicação, a interpretação dos sonhos, as técnicas de prevenção e cura das doenças.

Tudo isso acontecia no domínio de wai-mahsã, onde, sob orientação do yai. Os jovens em formação recebiam ingestão de porções wihõ (paricá) pelo nariz, especialmente com a finalidade de conectar ao domínio de comunicação e sociabilidade com os especialistas wai-mahsã.

A continuidade da formação incluía ainda o controle do desejo sexual, do seu apetite, exigia a obediência de prescrições alimentares, o cuidado com o preparo do alimento e ainda momentos de isolamento social, exclusão das atividades de caça, pesca e demais afazeres cotidianos. Tendo passado todas as etapas, o jovem se tornava especialista em uma das especialidades acima citadas.

A função central dos especialistas é exatamente, a de manter um diálogo constante com os seres humanos invisíveis para manter o cosmo e o meio ambiente equilibrado, com condições habitáveis aos seres humanos e demais animais, vegetais e minerais.

O esquema de comunicação entre wai-mahsã e humanos se dá através de pessoas preparadas, nos momentos específicos e com conhecimentos específicos. As categorias de yai, kumu ou baya ficaram escassas, e a especialidade de yai praticamente foi extinta em todo o noroeste amazônico brasileiro. Os Kumuã ainda existem, mas são poucos; eles tiveram sua formação antes do alcance em suas comunidades pelos missionários.

A maioria, porém, foi atingida em algum momento de sua preparação, sendo forçada a frequentar a escola aí instalada, como foi o caso do meu pai Ovídio Lemos Barreto, e meus tios Luciano Barreto e Tarcísio Barreto. Estes são os últimos kumuã tukano do “sib” huremeri saroró yupuri bubera-porã, moradores do rio Tiquié, na Comunidade de São Domingos Sávio, em São Gabriel da Cachoeira (Amazonas).

Pela falta de yai, os poucos kumuã que restaram, se veem forçados a cumprir o papel daqueles, efetuando assim uma dupla função no sistema de comunicação extra-humano e de cura, diagnosticando as doenças e realizando os bahsesse (benzimentos). Como não há atualmente a continuidade na formação de novos especialistas kumuã, podemos dizer que, a exemplo do que aconteceu com os yai, os kumuã estão fadados a desaparecer.

O exercício de leitura flutuante do texto aponta intencionalidades que acabam por ficar no nível da materialidade das coisas. Isso porque uma mensagem só tende a ser possível de acesso em seus simbolismos na medida em que se podem conceber códigos contidos nela, ou seja, projetar entendimentos em função de leituras relacionais do autor e seus modos de vida. Partindo da premissa, granjearam-se possibilidades de entendimento sobre o que não está dito na comunicação.

Nessa direção de trabalho, não foi possível afirmar que o autor estivesse construindo ideias sobre a pessoa indígena de sua etnia, ou mesmo que em algum momento estivesse apresentando a relação entre dois conhecimentos distintos, afinal não é apenas por ele ter algo em comum com essa realidade que se deve automaticamente caracterizar seus escritos como uma relação comunicativa ampla.

Todavia, o texto é de vasta essencialidade, a nosso ver, posto que decodifica em linguagem acessível mensagens extremamente complexas. Não foi preciso o autor especificar o significado essencial de cada palavra mencionada e originária do vocabulário Tukano. Ele ensaiou decodificações em suporte simbólico e as efetivou. A partir daí, a informação e a mensagem passaram a ser tomadas não como um objeto, mas tornaram-se uma interação discursiva, porque reuniram a atividade do leitor com a do escritor.

Quando uma interação entre pessoas é considerada discursiva é porque em determinado momento houveram construções de sentidos que geraram ao menos um referente principal. Caso se observe com acuidade essa dinâmica, percebe-se que o escritor indígena utilizou-se do discurso étnico de seu povo para construir um efeito de pensamento no leitor, dando a ele a possibilidade de construir o sentido simbolicamente, já que ele não se encontra pronto e acabado, dado ao(à) leitor(a), apesar de apresentar um contexto imediato com diversas informações.

Assim, o texto passa a ser um percurso no qual o leitor vai precisar compreender não somente o suporte simbólico disponibilizado pelo escritor, mas vai buscar muito além, considerando o sentido mais amplo dele, que envolve elementos da nossa sociedade e principalmente da nossa ideologia, ou melhor, das ideologias compartilhadas, sejam concorrentes ou paralelas, pois o indivíduo é chamado a responder por ela e o discurso tem sempre gestos dessa relação.

João Paulo Barreto trouxe para a leitura três diferentes tipos de conhecimentos e evidencia a especificidade de cada um para construir condição de entendimento das especialidades deles. O escritor constrói esses apontamentos na medida em que acredita ser, por meio da ligação entre essas especialidades, que se dê o equilíbrio do meio ambiente.

Se esta é uma prática que faz parte estritamente da cultura indígena Tukano, logo pode-se inferir que fazem parte da tradição desta etnia os saberes a ela margeados. João Paulo Barreto, mesmo que não tenha opinado em nenhum momento sobre a permanência dessas práticas ou a continuidade das tradições no contexto da etnia a qual pertence, acaba por forçar amplos entendimentos de que elas devam ser importantes, sim, para a sociocultura amazônica e isso porque ele em vários momentos demonstra claramente possuir concretamente na sua identidade traços de uma relação com essa cultura, já que é indígena e pertence a este grupo – mesmo que não more em sua comunidade de origem.

A identidade indígena não é necessariamente uma atribuição de quem é quem, mas tem a ver com a maneira a qual um indivíduo concebe um conjunto de formas de expressão e isso remete a questionamentos sobre conjunturas de crenças, atitudes e valores étnicos. Não se trata, portanto, de ponderar sobre quem é ou não índios a partir de um discurso, mas sim busca-se contextualizar discursos e práticas, saberes apresentados com interpretações de vida. E assim se pode fazer melhores percursos relacionados a entendimentos sobre o artigo de João Paulo.

Outro artigo onde a questão é enfatizada registra-se no que segue. Note-se o texto.

Outra explicação sobre a origem do mundo e seus habitantes

Os estudiosos sobre os povos indígenas apontam várias diferenças existentes entre a sociedade envolvente e as sociedades indígenas. Aqui quero evidenciar a concepção Tukano sobre a origem do mundo terrestre, para além das clássicas como criação de Deus e Big-Bang.

Os Tukano explicam que o mundo foi construído por demiurgos chamado de Yepa-oãku e Yepalio, ambos filhos de Buhpo, um ser não criado que vivia no domínio para além da matéria que constituem como natureza.

Yepa-oãku e Yepalio primeiro fixaram um eixo central, chamado yagu entre os dois domínios primordiais, domínio superior e domínio inferior. Segundo, a partir de um ponto equidistante estabeleceram pequena plataforma de esteira, a partir de seu próprio escudo. Vendo sua instabilidade, resolveram fixar quatro colunas nos quatro pontos cardeais. Feito isso, amarraram a plataforma que finalmente ficou fixa e estável. Próximo passo foi colocar terra. Depois fizeram floresta e rios, até que finalmente tudo ficou na forma atual.

Entretanto, como o mundo foi construído em função do surgimento dos humanos, resolveram povoá-lo com todas as espécies de animais para garantir a alimentação dos futuros humanos. Tudo isso eles fizeram por meio de Bahsesse, um repertório de palavras e expressões especiais que possibilitam a comunicação como os wai-mahsã, e formação de elementos. O Bahsessed é também, a habilidade de um homem especialista em invocar elementos e princípios curativos, contidos nos tipos de vegetais e animais.

A partir disso, os Tukano organizam o mundo terrestre em quatro grandes espaços: Água, Terra, Floresta e Céu. Cada um desses espaços é dividido por espaços menores. Por exemplo, o espaço aquático (ahkó-pati) é formado por três grandes tipos de ambientes, que são: mariakã (igarapé), dihtara (lago) e mari (rio). Cada grande ambiente, por sua vez, é subdividido em partes menores, menos inclusivas, identificadas de acordo com suas características ecológicas. Assim, no igarapé existem purinti wiseri, lugar em que há concentração de folhas; ñeri wiseri, onde há grande quantidade de raízes; uhtã wiseri, lugar com significativa presença de pedras. O lago, por sua vez, é o lugar onde encontramos as seguintes ambientes: nuhkuporó wiseri, uhtã wiseri, wiásistiri wiseri e warrapamori, caracterizadas, respectivamente, pela concentração de areia, de pedra, de barro do tipo tabatinga e de macrófitas aquáticas. Os rios são: pahsi wiseri, evu wiseri, pahsi ñise wiseri, ou seja, espaços onde há presença, respectivamente, de tabatinga, amarela e preta. Nos rios também existem ambientes de nome poya, identificadas pelas corredeiras e cachoeiras.

Assim cada quatro grandes espaços são ordenados em espaços menores de acordo com o ambiente. A diferença fundamental é que nesses ambientes, cada um deles é habitada por wai-mahsã. Os wai-mahsã são seres que possuem as mesmas qualidades e capacidades dos humanos, inclusive sua morfologia, mas que não são visíveis pelas pessoas comuns e/ou na vida cotidiana. Eles só podem ser vistos por um especialista, isto é, yai ou kumu, conhecidos como xamãs. Esses seres são, por fim, a própria extensão humana, devendo sua existência e reprodução ao fenômeno do devir, isto é, a continuidade da vida após a morte, sendo assim a origem e o destino dos humanos, seu início e seu fim. É com estes wai-mahsã habitantes de diferentes ambiente que os especialistas indígenas se comunicam e adquirem conhecimentos, isto é, os Bahsesse.

Tratamento referente à cosmologia é efetivado no âmbito do escrito. Observa-se que no texto em delimitação a explicação causal para a criação da Terra, das pessoas e do cosmos é uma linha de pensamento que se mantém na medida em que João Paulo Barreto Tukano desencadeia informações que o levam a ponderar sobre o zênite do mundo e das coisas.

Então percebe-se que o autor do texto se reconhece em práticas da tradição Tukano, uma vez que na sociedade envolvente, como ele a chama e que se pode dizer que se trata da sociedade majoritária, saberes e fazeres são conformados segundo normatização gerada por classes ou grupos sociais. Toma-se, assim, formas de vida ou

concebe-se pressuposição sobre elas de modo pejorativo em consequência de noções eurocêntricas.

Essa visão se perpetuou e ainda existe. Nota-se o índio como incapaz, sem alma, crença valorativa e educação. Todavia, são formalismos equivocados. As perspectivas pelas quais se compreende a sociocultura indígena mantêm-se crivada de preconceito e justifica-se na imposição de culturas dominantes, privadoras de formas diversas de conhecimento.

O fato de João Paulo Barreto enfatizar conhecimentos provenientes dos modos de vida Tukano pode apontar a construção da pessoa indígena sob ótica que não inferioriza práticas socioculturais de povos indígenas. Sobretudo porque no escrito ele relata conhecimentos da origem do mundo na concepção tradicional da etnia e principalmente a relação desse saber com especialidades e particularidades.

Trazer apontamentos desse tipo (tradicionais) para uma sociedade em que predomina visão estereotipada sobre os indígenas – onde se desobrigam mecanismos de comunicação entre humanos e não humanos – pode significar desafio a ser ponderado por todos.

Segundo o índio Tukano, autor do artigo, os humanos e suas relações com os não humanos formam atributos com valor essencial, com amplo significado para o povo indígena, caracterizando boa parte da singularidade da etnia e portanto suas representações mentais sobre como eles percebem materialidades terrenas.

Essa representação se torna uma prática dentro do conjunto de práticas do cotidiano, mas por se tratar de traços culturais podem ser acessadas em qualquer lugar e a qualquer tempo. Por tais atribuições, João Paulo Barreto participa do mundo das ideias mais do que da materialidade das coisas. Pode-se afirmar que o colunista constrói a pessoa indígena no momento que relata o conhecimento Tukano.

Esse conhecimento é traço instigante da etnia e portanto consolidado como identidade. E vale lembrar que a identidade indígena não está na condição de um indivíduo ser ou não um índio, mas sim em qualidades simbolicamente valorizadas, ou seja, de alguma forma o autor do discurso acaba por se reconhecer como um Tukano. Essa construção se dá por intermédio da linguagem usada pelo autor numa espécie de processos polissêmicos e parafrásticos, onde o dizer produzido por ele acerca da relação dos seres humanos e não humanos, mesmo que numa roupagem nova, apresenta características de um conjunto de ideias já formulada antes.

Desta forma, João Paulo significa suas escolhas porque o faz na medida em que se torna sujeito ativo ante construções comunicacionais formuladas pela sociedade indígena Tukano, acabando por resgatar pensamentos e ideias que conservam valores típicos da etnia. Então, as posições tomadas nesse processo estão diretamente atreladas ao conjunto ideológico Tukano e portanto o conformam independentemente de suas vontades.

No discurso étnico, adornado por ensaios simbólicos, dá-se o sentido para cada uma das coisas que implicam na vida. O conjunto das palavras e as expressões usadas por alguém – como forma de se comunicar – também depende da história, uma história que nem sempre pode ser acessada a qualquer momento e em qualquer circunstância, mas isso também independe da vontade do sujeito. Em suma, são vontades e preparações que se precisa ter e saber para compor saberes próprios à construção da pessoa no contexto étnico.

Ahko (água): o cosmo e a terra em equilíbrio

No mês de outubro de 2014, encontrei com três lideranças indígenas do Alto Rio Negro, no Amazonas, uma região que localiza no extremo norte do Brasil, denominada de “Cabeça do cachorro”. Retornavam de Brasília, onde participaram de uma reunião no Ministério da Saúde, e honrosamente fui convidado para almoço com eles. Durante o encontro comentavam sobre a saúde indígena, da inoperância da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), dos atrasos de repasse de recursos, da corrupção institucionalizada, da falta de remédio, da morte dos indígenas, etc. Mas o novo assunto na conversa estava a seca que assolava o Estado de São Paulo.

O que a população do Alto Rio Negro conhece sobre São Paulo ou sobre a região sudeste do Brasil é pelos livros didáticos, pelo noticiário da televisão, ou pelos pesquisadores que viajam para a região. São Paulo cidade de grandes prédios, cidade de tecnologia. Estado de grandes fábricas – de carros, aviões, navios, tratores, caminhões, roupa, sapato, cachaça, vinho, uísque. São Paulo, um Estado de agronegócios, um pedaço mais rico do país e mais desenvolvido. De repente, uma seca incomum na região, reservatórios de água em situação crítica e falta de água nas torneiras de casas.

Chocados com a situação que presenciaram e depois de longos comentários, na tentativa de entender a causa principal da seca, uma das lideranças do povo Tukano me direcionou o olhar e disse: “Você, nosso parente que é antropólogo, poderia escrever aos parentes ‘brancos’ para dizer que agora podemos conversar de igual pra igual?”

“Nós temos onze milhões e meio de hectares de terras demarcadas, que foi conquistada com muita luta. Temos cem por cento de floresta preservada, temos fontes de nascentes de rios, temos rios com extensões gigantescas e temos água para dar e vender.”

O líder indígena Tukano continuou sua fala: “Longos anos lutamos contra o Estado brasileiro e com os políticos, pois nossos sábios que já morreram diziam que deveríamos lutar para garantir nossa sobrevivência. Disseram que um dia a floresta e água iam acabar, pois vinham chegando gente ‘branca’ para devorava tudo que encontrava na terra, da mesma forma como as formigas devoram um roçado de mandioca. Alguns anos atrás, quando os conhecedores (pajés) falavam sobre a possibilidade de floresta e água acabar,

era quase impossível acreditar. Mas também, nos alertavam para lutar contra os nossos parentes brancos que queriam destruir a floresta para transformar em dinheiro e fazer da terra uma escrava de seus interesses econômicos. Num tom de praga, desabafou, a reação da natureza começou e não vai parar enquanto eles tomarem os recursos naturais como dinheiro, pois a natureza é frágil e cada uma delas tem o seu responsável. Nós devemos necessariamente comunicar com eles antes de usufruir o recurso. A seca no Estado de São Paulo é consequência de não comunicação com os seres, chamados de *wai-mahsã*, responsáveis das coisas e dos animais”.

Os povos indígenas possuem explicações próprias sobre as origens das coisas, da natureza e o meio ambiente e tem a forma própria de organizar o cosmo e os ambientes. Nós, povo Tukano, organizamos o mundo em quatro grandes espaços – água, terra, floresta e atmosfera. Cada espaço é ordenado em espaços menores. Por exemplo, o espaço água, é ordenado em igarapés, lagos e rios, das quais são denominados de *casas* de *Wai-mahsã*, ou seja, moradas de humanos invisíveis, responsáveis das coisas e dos animais dos lugares.

Os *wai-mahsã* são seres que possuem as mesmas qualidades e capacidades dos humanos, inclusive sua morfologia, mas que não são visíveis pelas pessoas comuns e/ou na vida cotidiana. Eles só podem ser vistos por um especialista, isto é, *yai* ou *kumu*, conhecidos como pajés. Esses seres são, por fim, a própria extensão humana, devendo sua existência e reprodução ao fenômeno do devir, isto é, a continuidade da vida após a morte, sendo assim a origem e o destino dos humanos, seu início e seu fim.

Existem *wai-mahsã* responsáveis pelos principais recursos naturais, por exemplo, *Muhipu* – é responsável pelo sol e pela chuva. *Desuhbari-oäku* – é responsável pelos animais e pelos peixes. *Bahsebo-oäku* – responsável pelas plantações e árvores frutíferas.

É com estes *wai-mahsã* responsáveis e habitantes de diferentes ambientes é que os especialistas indígenas (pajés) se comunicam e pedem licença para usufruir recurso que está sob sua responsabilidade. Caso não haja comunicação e pedido de licença, podem ocorrer sérios conflitos entre humanos e *wai-mahsã*, isto é, os responsáveis podem parar de fornecer os recursos naturais. Portanto, o respeito e a comunicação com tais seres é sempre uma necessidade para os povos indígenas, e único meio de manter o cosmo e a terra equilibrados.

Enfim, chamar de “parente” entre as lideranças e povos indígenas do Brasil é bastante peculiar, isso se deve pelo motivo de lutas comum que se protagonizam ao longo de décadas. Nesse sentido, chamar de “parente” significa convidar para luta, ou seja, um convite para lutar contra nossa própria ambição de riqueza monetário e lucro.

O artigo intitulado como Ahko (água): o cosmo e a terra em equilíbrio começa com abordagem sobre a seca que assolava o Estado de São Paulo e pelo que as populações do Alto Rio Negro conheciam sobre a grande metrópole do país segundo livros, revistas, noticiários de televisão ou pelos pesquisadores que viajam para a região.

Sendo assim, no meio dessa discussão, uma das lideranças dos Tukano se coloca na tentativa de entender o que estava acontecendo em torno de uma situação grave. Ele questiona a condição atual da relação pessoa-ambiente, a qual é permeado pela falta de alteridade dos humanos ante gaia.

A discussão proposta no texto aborda explicações relacionadas à criação dos seres, assim como todas as coisas e animais, tendo em vista a existência de um criador chamado de *wai-mahsã*, o qual abrange uma construção ideológica de um elo místico e

espiritual acerca dos quatro grandes espaços: água, terra, floresta e atmosfera, tendo em vista a organização da construção de mundo relacionada com a criação das coisas, dos animais e dos humanos, o qual perpassa na constituição do meio de relação principal entre criador e criação.

Há uma grande abordagem sobre a comunicação entre os seres e a natureza, inclusive se fomenta o debate em torno de humanidades e não-humanidades. Avalia-se aquilo que é humano e aquilo que talvez não venha a sê-lo. Os Tukano apontam a necessidade de equilíbrio do cosmos e a terra, e nesse processo, avaliam os índios.

Ocorrem subdivisões que dizem respeito a quatro grandes espaços em destaque: a água, que é ordenada em igarapés, lagos e rios e esses espaços são denominados de casas dos humanos invisíveis ou casa dos wai-mahsã. Dessa forma, pode-se ter uma organização acerca da criação das coisas e dos responsáveis pelas principais composições relativas a recursos naturais e humanos. Sendo assim, o que remete através dessa colocação é a grande importância da comunicação entre a humanidade e os wai-mahsã.

A discussão implicada no texto é principalmente relevante para poder se entender melhor a maneira como se faz necessária a comunicação entre humanidades e não-humanidades, ou seja, da plenitude dos viventes com os wai-mahsã, estes que são os criadores e organizadores dos seres e de certa forma mantêm uma harmonia acerca do entorno e de suas deidades extraterrenas. O artigo de João Paulo trata a comunicação do mundo visível com o mundo externo como sendo de suma importância a todos e podendo, assim, conservar e sustentar a condição atual de mundo: uma condição não totalmente territorial, mas também simbólica.

São apresentados também os sérios conflitos entre o povo Tukano e os wai-mahsã. Para J. P. Barreto, caso não se demonstre respeito no tocante a granjear permissões para se usufruir de recursos naturais, tende-se a perder respeito ante a lógica de causa e consequência para as coisas que se vê e se sente. No documento, é citada a seca que assolou e ainda é grave para o Estado de São Paulo. Essa situação se pode definir em vários lugares do planeta atualmente, os quais sofrem com as reações da natureza a agressões direcionadas aos wai-mahsã.

Conclui-se que essa ligação entre o ser criador wai-mahsã e a humanidade precisa existir de fato, como é tratado no texto, na fala específica de um dos líderes Tukano. A narrativa ressalta o respeito e a comunicação com tais seres, sendo esse o único meio de se manter o equilíbrio entre o cosmos e a terra, sendo de grande

importância para a sustentação do elo entre divindades wai-mahsã e seres humanos, pois como se pode notar no texto a ordem de todas as coisas e aquilo que o ser humano usufrui da natureza faz parte e é regida pelo próprio criador. Desse modo, torna-se explícito que é fundamental existir a comunicação entre criador e criação como vínculo contínuo e forte.

O texto vem a enaltecer bases históricas de abrangência em relação a uma questão etnocultural, e ainda pondera sobre os dias atuais, os quais, socialmente, mostram que os Tukano são exemplo de representantes de um tipo de comunicação baseada em trato com entidades divinas, chamadas wai-mahsã – tomando em consideração a importância de se conservar e preservar aquilo que é usufruto a partir da natureza.

Considerações finais

Pode-se notar que João Paulo Barreto Tukano, a partir de seus textos, demonstra i) conhecimento aprofundado sobre a temática indígena e ii) sabe transmitir informações a respeito de seu povo. Essas duas constatações são claras de serem observadas mediante análise das estratégias comunicacionais utilizadas por ele na escrita dos documentos. Sobretudo a questão da tradição é enfocada como algo constante e que sempre se repete no viés que o autor indígena quer dar como enfoque principal para a sua visão de mundo.

Mas a tradição tratada por João Paulo não se apoia exatamente em categorias comunicacionais, antropológicas ou históricas. São nativas as categorias que pretendeu abordar nos seus textos. Ou seja, tratam-se de temáticas construídas em consonância à realidade da etnia em referência, os Tukano. Tais como xamanismo, cosmologia e parentesco, três grandes conjuntos de ponderações que se relacionam entre si e moldam a construção da pessoa indígena a partir do viés comunicacional implementado nos textos de João Paulo.

A constatação foi, cremos, uma evidência identificada ao longo deste projeto de pesquisa e tendemos a afirmar que isso se revelou num resultado bastante efetivo para o estudo, tendo em vista que tratamos dados primários, diretos da fonte, provindos de um autor indígena e isso se demonstrou algo primordial para a fidedignidade dos dados.

No futuro, pretende-se ampliar a pesquisa e direcionar-se a avaliações mais complexas, a partir de textos mais amplos, de obras literárias, como se dá no caso do Instituto Wewaka, situado em Manaus/AM, que reúne obras de diversos indígenas das

etnias Maraguá e Sateré-Mawé, os quais produzem livros enfocando temáticas simbólicas referentes à realidade local no Baixo Amazonas/AM.

Referências

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BELTRÃO, LUIS. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1992, Historia dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.
- HOHLFELDT, Antônio. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. RJ: Petrópolis, 2001.
- JUNQUEIRA, Carmem. Antropologia Indígena: uma nova Introdução. São Paulo: Educ, 2008.
- LIMA, João Paulo Barreto. Wai – Mahsã: peixes e humanos, Um ensaio de Antropologia Indígena. 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2013.
- MELO, José Marques de. Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.
- SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro. Ed: URJ, 1998.